



A naturalização da violência e a contação como forma de resistência em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo

The violence naturalization and storytelling as a form of resistance in the novel Becos da memória, written by Conceição Evaristo

Isabella Dias* , Marcos Hidemi de Lima†

RESUMO

Essa pesquisa visa à leitura e análise de violências raciais, sociais e patriarcais no romance *Becos da memória* (2006), da escritora Conceição Evaristo, empregando as discussões teóricas presentes em *Memórias da plantação* (2008), de Grada Kilomba; *A elite do atraso* (2019), de Jessé Souza e *A permanência do círculo* (1987), de Roberto Reis.. A obra apresenta a tensa situação de despejo vivenciado por vários habitantes de uma favela pela perspectiva narrativa de Maria Nova, uma menina de treze anos. Sob o signo da opressão social e étnica apresentada no romance, Maria Nova representa uma figura de resistência do local. Além disso, sua narrativa acaba entremeada pela contação das histórias de amigos, familiares e conhecidos. Seu desejo de contar as histórias, a fim de preservar a identidade cultural e relatar as lutas dos seus, torna-se ato de combate às opressões sofridas pelas personagens da narrativa. Em síntese, este estudo, que funde discussões literárias e sociológicas para a abordagem do romance de Evaristo, aponta para a continuidade de valores escravocratas na sociedade contemporânea brasileira cruelmente expostos no romance analisado.

Palavras-chave: violência, resistência, mulher preta, contação, silenciamento.

ABSTRACT

This research aims to study the reading and analysis of racial, social and patriarchal violence in the novel *Becos da Memória* (2006) written by the writer Conceição Evaristo, employing the theoretical discussions present in *Memórias da Plantação* (2008), written by Grada Kilomba, *A elite do Atraso* (2019), written by Jessé Souza and *The permanence of the Circle* (1987) written by Roberto Reis. The novel “Becos da Memória” talks about the tense situation experienced by several slum inhabitants from the Maria Nova’s perspective, a character who is a thirteen-year-old girl. Under the sign social and ethnic oppression presented in the novel, Maria Nova represents a resistance’s local figure. Furthermore, Conceição Evaristo’s narrative ends interspersed with telling friends, relatives and acquaintances’ stories. Conceição Evaristo desires to tell the stories in order to preserve cultural identity and relate the struggles of people who surround her. This become her act of combating the oppressions suffered by the characters in the narrative. In summary, this study, which merges literary and sociological discussions to approach Evaristo’s novel, points to the continuity of slavery values in contemporary Brazilian society cruelly exposed in the analyzed novel.

Keywords: violence, resistance, black woman, telling, silencing

* Licenciatura em Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil; belladias.id@gmail.com

† Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco; marcoshidemidelim@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

A fala e a escrita sempre foram essenciais para o desenvolvimento de civilizações, sendo responsáveis pela disseminação de conhecimentos e histórias específicas de cada cultura. Ao perceber a importância da comunicação para o desenvolvimento social e o fortalecimento de civilizações como um todo, grupos dominantes tentaram (e, infelizmente, diversas vezes tiveram êxito) inibir a fala e a escrita de minorias sociais, tais como os escravizados no Brasil. A cultura do silenciamento ocorre de maneira estrutural, de modo que os indivíduos nascidos em um local afetado por ela enraízem em si essa inibição ainda na infância e, quando adultos, perpassem para as próximas gerações. Em razão disso, resquícios do silenciamento ainda existem atualmente, tornando a comunicação uma forma de resistência das minorias afetadas, direta ou indiretamente, por ele.

Coexistindo com o silenciamento, há um conjunto de preconceitos e violências que afetam o povo preto e os membros das classes mais baixas da sociedade brasileira. Somados ao machismo, integram uma somatória ainda maior de opressões a que uma mulher, negra e de classe baixa acaba submetida. A partir do entendimento dessas opressões, é possível compreender a relação entre elas e a dificuldade em alterar esse ciclo de violências, que é potencializado pelas mesmas opressões que a compõem. Entre as maneiras de alteração do ciclo está a resistência desse povo por intermédio da fala, da escrita e da contação de histórias.

Crescer em um ambiente como a favela faz com que a criança desenvolva uma naturalização das violências com as quais convive. Uma organização não governamental que promove ações em comunidades, denominada Centro de Recuperação e Educação Nutricional (CREN), afirmou que “alguns profissionais, por exemplo, relatam que deixaram de notificar a suspeita de casos de abuso ou negligência infantil por receio de retaliação por parte de membros da família” (SAWAYA *et al.*, 2018), constatando que muitas famílias não buscam zelar pela infância de suas crianças, deixando que sejam afetadas pelas opressões e violências da sociedade e meio em que vivem.

Uma dessas violências relaciona-se ao impedimento de que as crianças tenham acesso ao ensino escolar, muitas delas não desenvolvem a leitura e escrita. Tais fatores impedem que possam concretizar ações simples, como ler uma embalagem em um supermercado, ou ações mais complexas, como tomar conhecimento de direitos pessoais, expressar suas opiniões e ideais e preservar a identidade cultural.

A titularidade da cidadania, definida constitucionalmente, era restrita aos livres e aos libertos e valia tanto para a educação das crianças quanto para jovens e adultos. Para escravos e indígenas, além do trabalho pesado, bastava a doutrina aprendida na oralidade e a obediência pela violência física ou simbólica. Desse modo, o acesso à cultura da leitura e da escrita era considerado inútil para esses segmentos (BRASIL, 2000 *apud* PASSOS, 2012, p. 2).

A partir da constatação desses fatos, deparamo-nos com duas questões: Há uma naturalização da violência nas personagens crescidas em uma favela? Como utilizar a contação no combate à gama de violências impostas?

Esse estudo visa investigar o papel feminino, em especial negro e infantil, em uma sociedade cujo legado são as marcas do patriarcado e do racismo estrutural, bem como discutir a utilização da contação de histórias no combate a somatória de violências que atinge as minorias analisadas em *Becos da memória*.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada com base na leitura e análise de *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, seguindo um método investigativo acerca da figura feminina, do patriarcalismo, da infância violada, do racismo estrutural e da desigualdade social presentes no romance.



Além dessa obra, foram utilizadas também alguns teóricos que discutem e abordam marcas patriarcais, feminismo, papel da mulher e racismo estrutural, como *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba, *A elite do atraso*, de Jessé Souza e *A permanência do círculo*, de Roberto Reis. Com o intuito de apreender a produção literária da escritora, foram consultados os livros de Evaristo *Insubmissas lágrimas de mulheres* e *Olhos d'água*. Além disso, outras fontes, como biografia, entrevistas e *lives* de Evaristo, foram aplicadas visando complementar e validar o projeto de pesquisa.

3 JUVENTUDE PERIFÉRICA NAS OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Na trajetória literária de Conceição Evaristo é observável o destaque a temas que abordam minorias, estando entre as principais a negra, a feminina, a LGBTQIA+ e a periférica, fato compreensível uma vez que a autora, uma mulher negra, nasceu e cresceu em uma favela, na região centro-sul de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Por ter crescido em um ambiente humilde, Evaristo vivenciou e presenciou diversas opressões, muitas das quais foram relatadas em suas obras, sob a designação de *escrevivência*, que ela descreve no prefácio “Da construção de becos” de *Becos da memória*:

Como já disse em outras ocasiões, esta narrativa nasceu em 1987/88, sendo, pois, interior à escrita dos contos e do romance *Ponciá Vicêncio*. Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*. (EVARISTO, 2019, p. 9)

A *escrevivência* relatada nas obras de Evaristo nada mais é senão um compilado de histórias reais, vivenciadas por ela ou por conhecidos, em conjunto com um processo de ficcionalização, que além de acrescentar algo novo, original, ao que já existia, também preenche um espaço na história que a memória não foi capaz de recordar, como dito pela autora no excerto abaixo:

Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções de memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção. Também já afirmo que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali, busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está a vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. (EVARISTO, 2019, p. 11)

Considerando a existência e relatos de vivências da autora em suas obras, a oscilação entre real e ficcionalização resulta em uma incerteza na origem (real ou imaginária) não só das situações ocorridas nas histórias, mas também da criação (ou não) das personagens pois, em algumas obras, há extrema similaridade de algumas personagens com a própria escritora, como é o caso de Maria-Nova em *Becos da memória*. Essa aparência de autora-personagem não se limita a fatores estéticos e sociais, como o fato de a narradora deste romance e Conceição Evaristo serem mulheres negras e nascidas em uma favela, mas também abrange uma semelhança intelectual e emocional: ambas, autora e personagem, desde a infância, tiveram um fascínio pelas letras e por histórias e alimentavam o desejo de contá-las em um futuro.



O desejo de Evaristo em contar histórias era tanto que um de seus livros, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), é resultado de suas viagens por diversas cidades brasileiras, onde, em sua breve passagem, colheu histórias de mulheres negras. Tais narrativas foram compiladas nos 14 contos que compõem o volume. Em um desses contos, Conceição declara que uma das mulheres comentou sobre este procedimento de buscar na vida real de outras pessoas matéria literária:

Líbia Moirã, das mulheres com quem conversei, foi a mais reticente em me contar algo de sua vida. Primeiro, quis saber o porquê de meu interesse em buscar histórias de mulheres e, em seguida, me sugeriu se não seria mais fácil eu inventar as minhas histórias, do que sair pelo mundo afora, provocando a fala das pessoas, para escrever tudo depois. (EVARISTO, 2016, p. 87)

Tal qual sucede a Evaristo, esse fascínio e desejo também são existentes na personagem Maria-Nova, de *Becos da memória*: Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito. (EVARISTO, 2019, p. 37)

Apesar das semelhanças, Evaristo nunca afirmou ou negou a possibilidade de Maria-Nova ser uma representação dela mesma em sua infância na favela, divertindo-se sempre que questionada. A insistência dos leitores em buscar a afirmação da relação entre Conceição e Maria-Nova resultou em uma nota, na terceira edição de *Becos da memória*, em que a escritora brinca:

Quanto à parença de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Essa con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2019, p. 12)

Se Maria-Nova é uma representação de Evaristo ou não, é certo que a semelhança existe e, conhecendo com maior profundidade a personagem, são observáveis traços marcantes de ambas. Por exemplo, a coincidência de ela e Maria-Nova terem crescido numa favela; a leveza com que a escritora, por intermédio das personagens, relata violências e opressões na vida periférica.

A propósito, esta leveza existe mesmo quando as personagens que descrevem/observam a cena são crianças, demonstrando que, para uma criança favelada, não existe a proteção de sua inocência e de sua infância. Na realidade, as crianças da periferia são expostas à violência do meio em que vivem, naturalizando isso, já que são situações cotidianas com as quais convivem. Evaristo mantém essa visão crua sobre a existência de personagens infantis, escrevendo suas histórias de maneira que sejam líricas e realistas simultaneamente.

4 A FALA E A ESCRITA COMO FORMAS DE RESISTÊNCIA

A importância da comunicação para as civilizações é inegável, haja vista que é apenas a partir dela que trocas comerciais, tratados de paz e organizações sociais, entre tantas outras coisas, foram possíveis. Nesse quesito, a comunicação oral foi, durante muito tempo, parte crucial para o desenvolvimento e resistência tanto de sociedades em sua totalidade quanto de minorias sociais. Para alguns povos, como foi o caso dos escravizados no Brasil, a fala e as tradições passadas de geração em geração uniram os membros, transformando-se em força para que tais histórias e costumes não se desvanecessem.

Por esses motivos, a comunicação entre os escravizados tornou-se perigosa e temida por seus senhores, acarretando na criação de uma inibição não só psicológica, mas também física, por meio de um instrumento de tortura chamado “máscara do silenciamento”:



Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do **sujeito negro**, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores **brancos** para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os”. Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019, p. 33)

A cultura de silenciamento que os brancos impuseram ao povo preto, dominado e escravizado, não se findou com a abolição da escravatura. Essa lamentável cultura persiste sob outras modalidades, como afirma o sociólogo Jessé Souza em sua obra *A elite do atraso* (2017):

Essa passou a ser, portanto, uma herança que se transfere geração a geração: a perpetuação da escravidão “dentro dos homens”, gerando a “ralé de novos escravos” de hoje em dia, ainda que, formalmente, não exista mais escravidão. [...] É certo que a escravidão está “dentro dos homens”, mas não como ele imagina, sendo a marginalização do negro mera consequência da permanência de “resíduos” – nunca devidamente explicitados – da ordem anterior. (SOUZA, 2019, p. 84)

Tais resíduos escravocratas são observáveis também no âmbito literário, onde a figura do negro é descrita similarmente ao seu histórico de ocupação em nosso país, nas periferias ou, como denomina Reis, na *nebulosa*:

No *centro* ou *núcleo* está a figura do senhor e patriarca, junto com os que habitam a casa-grande. Na *nebulosa* ou *periferia*, a bem dizer, todos os restantes. Precisando mais: na *nebulosa* circulam o índio, o sertanejo, o gaúcho e o negro. Ou seja: nela alinharia categorias étnicas (o negro e o índio) e sociais (o jagunço, o sertanejo e o gaúcho), aglutináveis na medida em que não figuram no *núcleo*, sendo subjugados na base de uma relação de comunicação, hierárquica. Efetivamente, os figurantes do *núcleo* senhorial exercem domínio sobre os da *nebulosa*. (REIS, 1987, p. 32, grifos do autor)

Sendo a literatura de Evaristo reflexo (ainda que parcial) de uma realidade experienciada, concluímos que esta realidade provém do domínio que o *núcleo* teve sobre as pessoas da *nebulosa*, e todos os anseios, medos, desejos e esperanças das personagens de *Becos da memória* são resultados de uma extensa carga opressiva, disposta sobre essas figuras desde a infância.

Objetivando reverter os resquícios da escravatura, há o apontamento da necessidade de tornar oportuno o lugar e a fala das minorias para além da *nebulosa*, atingindo o *núcleo* social, a fim de que possam preservar suas histórias, lutas e identidades culturais.

5 CONCLUSÃO

A partir dessa pesquisa, foi possível conhecer, de maneira ampla e conectiva, a obra base desse projeto e a escritora Conceição Evaristo. Após constatar as semelhanças entre Evaristo e a personagem central da análise, Maria-Nova, torna-se ainda mais crucial entendermos quem é Conceição Evaristo e sua história, que, assim como a da protagonista de *Becos da memória*, também inicia em uma favela.

A descrição das violências vividas pelas personagens tem como base as vivências da autora e de sua família e/ou conhecidos na favela, além do acréscimo imaginário-literário que ela soma em suas obras, concebendo o conceito de *escrevivência*. *Becos da memória* é dividido em vários fragmentos, retratando a vida de diversas



personagens em uma favela, onde as histórias são descritas de uma maneira muito leve, mas cruelmente realista. Quando o romance se volta para a visão de Maria-Nova, que no começo da obra possui treze anos, a narrativa ainda mantém a naturalidade na descrição de violências, sejam sociais, sexuais ou raciais, indicando que há uma naturalização da opressão na mente de uma criança nascida e crescida dentro da favela.

Vivendo em um país onde o passado escravocrata estruturou um conjunto de opressões tão impactantes que seus resíduos transcorreram gerações e ainda permeiam a atualidade, a personagem resolve se impor contra a classe que a oprime, tornando-se figura de resistência e utilizando a contação de histórias como instrumento de revolução.

Maria-Nova compreendia desde cedo a importância que a educação e o estudo tinham para a concretização de seu desejo de contar histórias e, então, buscou aperfeiçoar sua leitura e escrita até o momento em que estivesse pronta. Enquanto criança, a menina armazenava os relatos e histórias dentro de si para que, no futuro, pudesse compartilhá-los, e assim pudesse contribuir para a preservação da identidade cultural de seu povo e para o combate ao grupo que ela e aos seus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) pela oportunidade de iniciar na pesquisa científica e pelo financiamento da minha bolsa. Agradeço, também, ao Prof. Doutor Marcos Hidemi de Lima, pela orientação e convite para adentrar no PIBIC, pelos conselhos, correções, ensinamentos e momentos compartilhados no decorrer da pesquisa. Gratidão!

REFERÊNCIAS

- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 2º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LITERAFRO - **O portal da literatura Afro-Brasileira**. Conceição Evaristo. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em 26 out. 2020.
- PASSOS, Joana Célia dos. **As desigualdades na escolarização da população negra e a Educação de Jovens e Adultos**. Santa Catarina: Periódicos Instituto Federal de Santa Catarina, 2012.
- REIS, Roberto. **A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1987.
- SAWAYA, *et al.* Violência em favelas e saúde. **SciELO – Scientific Electronic Library Online**. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/Y7J7Yrkf9WcDwzmB4j5WrnP/?Lang=pt>>. Acesso em 06 set. 2021.
- SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.